

# **Esporte e Lazer na Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Goiás-UFG<sup>1</sup>**

**Filipe de Andrade Vaz Parente<sup>2</sup>**

**Jaciara Oliveira Leite<sup>3</sup>**

**RESUMO:** Este artigo apresenta reflexão crítica acerca da experiência, na condição de professores, com o tema contextual “Esporte e Lazer” desenvolvido junto com estudantes e professores/as em formação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Goiás (UFG). As licenciaturas interculturais indígenas são parte da política pública de Educação Superior voltada à formação e qualificação de educadores/as indígenas, em consonância com dispositivos legais e constitucionais que reconhecem o direito desses povos a uma educação diferenciada que respeite suas culturas e modos de organização social. A organização curricular do curso da UFG constitui-se de matriz de Formação Básica e de três matrizes de Formação Específica - Ciências da Cultura, da Natureza e da Linguagem. Cada matriz é composta de temas referenciais, áreas de conhecimento e temas contextuais. Na diversidade de conhecimentos que são tratados durante o curso, há o tema contextual “Esporte e Lazer”, o que expressa a importância do mesmo em suas diversas manifestações e relações nos contextos de educação indígena. A partir da perspectiva de formação e currículo brevemente apresentada, propusemos trabalho pedagógico nesse tema junto a estudantes pertencentes a 10 povos que habitam a etnorregião Araguaia-Tocantins, abrangendo os estados de Tocantins, Goiás, Mato Grosso e Maranhão, quais sejam: Karajá, Krahô, Gavião, Kayapó, Bororo, Kuikuro, Yawalapiti, Guajajara, Xavante e Xerente. Os conteúdos foram subdivididos em 4 unidades: I - Introdução ao Esporte, Lazer e Jogos: diálogos interculturais em torno da bola; II - Água: natureza, cultura e possibilidades pedagógicas; III - Atletismo e suas múltiplas dimensões; IV - Planejamento e Prática Pedagógica sobre manifestações do esporte e do lazer. Os critérios de seleção de conteúdos levaram em consideração: a potencialidade de estabelecimento de diálogos interculturais; as relações entre natureza e cultura suscitada pelos conhecimentos; a ampla ocupação do espaço e o uso de materiais públicos da universidade, buscando oferecer diversas possibilidades de uso dos mesmos e de vivências coletivas; as possibilidades de trabalho pedagógico nas escolas e nas aldeias. Ao avaliarmos a materialização da proposta, destacamos: a riqueza das trocas interétnicas e interculturais entre os estudantes e professores em torno dos temas; a centralidade das manifestações esportivas e outras práticas corporais no processo de educação indígena, construção de suas identidades como sujeito e povo; as relações do esporte com a vida cotidiana, celebrações, competições e rituais; as possibilidades de trabalho pedagógico nas escolas e aldeias; e, por fim, o profundo aprendizado como professores resultante da relação dialógica com os discentes.

**PALAVRAS-CHAVE: Esporte, Lazer, Licenciatura-Intercultural Indígena**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

<sup>2</sup> Doutorando em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB) e Servidor da Fundação Nacional do Índio (Funai).

<sup>3</sup> Doutora em Educação (UnB) e Professora de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Este artigo objetiva apresentar reflexão crítica acerca da experiência com o tema contextual “Esporte e Lazer” desenvolvida pelos autores deste trabalho como docentes junto com estudantes e professores/as em formação do curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Goiás (UFG).

A Licenciatura Intercultural Indígena é parte da política pública de Educação Superior voltada à formação e qualificação de educadores/as indígenas. Constitui-se como espaço-tempo fundamental de articulação política entre indígenas de diversas etnias, assim como provoca a universidade pública a repensar, reconhecer e criar novos papéis sociais, metodologias de ensino, organização curricular e epistemologias a partir da interlocução com esses sujeitos históricos em sua riqueza e diversidade cultural.

Na Universidade Federal de Goiás (UFG), o curso iniciou-se em 2006 no Núcleo Takinahaky de Formação Superior de Professores Indígenas, buscando contemplar indígenas da região Araguaia-Tocantins. De acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2006), a elaboração da proposta contou com a participação de professores e lideranças indígenas dos estados de Goiás, Tocantins, Maranhão, Roraima e Rondônia, que estiveram presentes em seminários realizados na UFG. Ocorreram também reuniões nas aldeias com o propósito de discutir o projeto, além das contribuições de especialistas representantes do MEC, Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e Centro de Trabalhos Indigenistas (CTI). Tem como eixos a diversidade e a sustentabilidade e como princípios a interculturalidade e a transdisciplinaridade.

Tendo em vista a concepção de formação de educadores/as pautada na transdisciplinaridade, articulando saberes acadêmicos e populares/tradicionais de forma horizontal, e as especificidades dos/as estudantes, o curso baseia-se na Pedagogia da Alternância. Queiroz e Silva (2008, p. 1) indicam que:

Alternância significa o processo de ensino-aprendizagem que acontece em espaços e territórios diferenciados e alternados. O primeiro é o espaço familiar e a comunidade de origem (realidade); em segundo, a escola (*universidade*) onde o educando partilha os diversos saberes que possui com os outros atores e reflete sobre eles em bases científicas (reflexão); e, por fim, retorna-se a família e a comunidade a fim de continuar a práxis (prática + teoria) [...]. (*grifos nossos*)

Tal organização é fundamental para possibilitar condições concretas de acesso e permanência dos/as estudantes na universidade, assim como para efetivar a formação e atuação pedagógica nos diferentes espaços educativos, em especial a escola, de maneira

condizente com as demandas, projetos e organização sociocultural dos territórios e aldeias.

No curso oferecido pela UFG, há uma etapa de aulas presenciais concentradas e intensivas ao longo de aproximadamente 1 mês que ocorrem no período de férias dos cursos regulares ofertados pela universidade. Nos meses que intercalam as etapas de aulas presenciais, os estudantes são estimulados a realizar pesquisas, estágios e projetos junto a suas comunidades, sendo que há também uma “etapa indígena” na qual os professores não indígenas da Licenciatura Intercultural, juntamente com monitores não indígenas, são convidados a visitar as aldeias a fim de conhecer as escolas e auxiliar em seus projetos e ações em cooperação com os estudantes indígenas da Licenciatura Intercultural.

De acordo com o PPP (LIND/UFG, 2006, p. 32):

O currículo da Educação Intercultural constitui-se da matriz de Formação Básica e das três matrizes de Formação Específica - áreas de conhecimentos das Ciências da Cultura, da Natureza e da Linguagem. Estas últimas serão destinadas à especialização dos professores indígenas e lhes oferecerão um leque de opções de estudo. As matrizes de Formação Básica do Professor e as de Formação Específica são compostas de temas referenciais, áreas de conhecimento e temas contextuais. A formação básica do professor terá uma duração de dois anos e a específica de três.

A proposta curricular tem como pressuposto oferecer ao professor indígena uma formação ampla, garantindo-lhe conhecimentos os quais possibilitem estar apto ao desenvolvimento de variados ensinamentos, seja ele monolíngüe, bilíngüe, ou outro tipo independente da área de conhecimento escolhida. A perspectiva é de não se reduzir à formação de especialista, mas avançar no sentido de uma formação profissional em que seja capaz de compreender e contribuir com sua comunidade e de lidar com os conhecimentos específicos de forma plural. Nesse sentido, “[...] O importante é que o professor tenha condições de colocar, efetivamente, a escola a serviço de sua comunidade, contribuindo com o desenvolvimento dos projetos de melhoria de vida” (PPP, 2006, p. 32).

É possível analisar que tal concepção de formação expressa uma busca por ruptura epistemológica com a lógica hegemônica dos cursos superiores e da própria escola, geralmente pautada pela fragmentação dos conhecimentos e sua separação da vida. Nesse teor, a proposta e organização curricular são fundamentais. Articulados às matrizes de formação supracitadas, tem-se os temas referenciais – interculturalidade, diversidade e diferença, identidade/etnicidade, autonomia e alteridade - considerados

como “[...] indicadores de que perspectiva os temas contextuais deverão ser trabalhados sem perder de vista o vínculo entre saberes locais e universais” (Idem, p. 34). Além disso, os temas contextuais buscam valorizar os saberes indígenas ao mesmo tempo em que reconhecem a necessidade de acesso aos conhecimentos científicos por esses sujeitos e suas nações, estabelecendo assim novas sínteses.

Essas novas perspectivas de organização curricular questionam a maneira hegemônica de transmissão e produção de conhecimento e apontam velhos/novos caminhos. Nas palavras de Brandão (2005, p. 103):

O modelo atual de criação de saber especializado gera uma expansão crescente de galhos e de ramos científicos e não-científicos que tendem a perda de contato com troncos unificadores. Troncos de conhecimento e de sensibilidade destinados a uma crescente compreensão plena e profunda dos mistérios da Vida e do Universo em todas as suas dimensões. E também troncos de saber e de sensibilidade com as suas raízes originárias na vocação humana de criar sentido através do conhecimento.

A licenciatura tem por objetivo, também, a transformação da escola das comunidades indígenas, historicamente destinadas à “civilização” dos índios, em um lugar para o exercício indígena da autonomia. De modo geral, o que há de fato é, de um lado, a discussão do direito que o índio tem de uma educação diferenciada e, de outro, a realidade precária das escolas indígenas, como também a dificuldade em aceitar a especificidade da educação escolar indígena por parte dos órgãos competentes (PPP, 2006, p. 33).

Na diversidade de conhecimentos que são tratados durante o curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFG, encontra-se o tema contextual “Esporte e Lazer”, o que expressa a importância do mesmo em suas diversas manifestações e relações nos contextos de educação indígena. Na sequência, apresentaremos breve relato e reflexão sobre a experiência que vivenciamos na condição de docentes do referido tema contextual ocorrida no ano de 2018.

### **O tema contextual “Esporte e Lazer”**

A ementa do tema contextual “Esporte e Lazer” indica: “O esporte no campo da arte, cultura e cidadania, como um meio para promover a autoestima e estimular o

intercâmbio cultural, fortalecendo, de modo positivo, as relações intraculturais e interculturais” (PPP, 2006).

Com base na ementa, buscamos elaborar uma proposta fundamentada nos eixos do curso - diversidade e a sustentabilidade -, e em seus princípios: interculturalidade e transdisciplinaridade. É importante ressaltar que nossas formações e atuação profissional como autores do presente texto, e docentes do tema, nos permitiram e nos desafiaram a construção de proposta e experiência transdisciplinar, com todos seus limites e avanços. Filipe é antropólogo, sociólogo, servidor da Fundação Nacional do Índio (Funai) e doutorando em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (CDS/UnB), realizando pesquisa junto a indígenas do Cerrado. Jaciara, por sua vez, é professora de Educação Física na Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD/UFG), doutora em Educação na linha de pesquisa relacionada a Ecologia e Humana e Educação do Campo (PPGE/UnB) e atua com projetos de ensino, pesquisa e extensão em co-parceria com escolas e comunidades camponesas.

A partir, então, da ementa e do trabalho coletivo baseado em nossas formações e atuação profissional, de modo a possibilitar processos de ensino-aprendizagem qualificados com o referido tema, delineamos como objetivo geral: “Identificar procedimentos que viabilizem uma intervenção pedagógica condizente com princípios educativos, éticos, políticos, a partir da experimentação/vivência de manifestações esportivas e de lazer, e da reflexão sobre as experiências concretas dos educandos envolvidos”. Da mesma forma, delinearão-se como objetivos específicos: “a) compreender o fenômeno esportivo e suas múltiplas interfaces; b) valorizar o Esporte Educacional, o Lazer e suas importantes relações com a cultura; c) valorizar o planejamento participativo considerando: realidade local, ação educativa, cogestão, participação popular; d) valorizar avaliação crítica como recurso necessário à qualificação da prática pedagógica do esporte e do lazer; e) compreender as relações interculturais no âmbito do esporte e do lazer, em seus limites e possibilidades para atuação pedagógica.

Com relação aos conteúdos, estes foram subdivididos em 4 unidades, sendo uma para cada aula, na seguinte sequência: I - Introdução ao Esporte, Lazer e Jogos: diálogos interculturais em torno da bola; II - Água: natureza, cultura e possibilidades pedagógica; III - Atletismo e suas múltiplas dimensões; IV - Planejamento e Prática Pedagógica sobre manifestações do esporte e do lazer.

Os critérios de seleção de conteúdos inspiraram-se naquilo que aponta a Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2003) sobre a função social da escola e da universidade como instituições fundamentais no processo de transmissão e apropriação dos conhecimentos sistematizados pela classe trabalhadora e, nesse sentido, oferecer aquilo que se tem de mais avançado do ponto de vista da produção científica. Esclarece-se que o termo “avançado” não significa hierarquicamente superior, mas reafirma o direito dos sujeitos de acessar o patrimônio cultural humano e de expressar seus conhecimentos. Prezamos também por ocupar espaços e explorar muitos materiais da universidade, considerando seu caráter público e a oportunidade de (re)conhecer e vivenciar suas possibilidades.

Metodologicamente, empregou-se a experimentação/vivência de manifestações esportivas e de lazer, associada a reflexão sobre as experiências concretas dos educandos à luz de estudos e debates coletivos, utilizando-se de vídeos, imagens, textos didáticos entre outros materiais e dinâmicas.

A avaliação, por sua vez, baseou-se na participação dos educandos, na qualidade da elaboração das produções (texto, poesia, música, desenho, encenação), em grupo e individual, bem como na construção coletiva do planejamento e prática pedagógica, essas últimas aferidas na unidade IV, correspondente à última aula da disciplina.

O tema contextual Esporte e Lazer, que foi ofertado entre 30 de julho e 02 de agosto de 2018, nos turnos matutino e vespertino, ocorreu integralmente de maneira teórico-prática, de modo que houve muitas vivências de diversas modalidades esportivas modernas/ocidentais e práticas corporais indígenas, dentro e fora da sala de aula, intercaladas com debates e reflexões embasados por meio de textos e mídias de autores indígenas e não indígenas. Frise-se que a abordagem teórico-prática de tais atividades e problematizações procurou refletir os princípios da interculturalidade e diálogo de saberes.

### **A Materialização da Proposta**

Entre os dias 30 de julho e 2 de agosto de 2018, de segunda à quinta-feira, das 8h00 às 11h00 e das 14h00 às 17h00, atuamos pela primeira vez como professores do tema contextual “Esporte e Lazer”, ofertado aos estudantes da Licenciatura Intercultural Indígena da UFG.

A semana que antecedeu o curso foi utilizada para o planejamento e preparação das aulas mediante elaboração de plano de ensino e planos de aula. Para tanto, foram consultados, além de referências bibliográficas pertinentes, planos de aula da disciplina Esporte e Lazer que foram ofertadas em anos anteriores. Também foram levantados textos motivadores cuja leitura (extra e intra classe) fomentou o debate dos estudantes em sala de aula, bem como vídeos, outras mídias e ferramentas/instrumentos pedagógicos que foram utilizadas no contexto da aula.

Na manhã do dia 30/7/18, segunda-feira, apresentamos e discutimos a proposta do tema contextual e sua organização com os estudantes. Entregamos e fizemos leitura coletiva do plano de ensino. Também foram pactuadas regras de convivência para o bom andamento das aulas tais como, horário de início, término e intervalo, locais e preparação prévia necessária para as aulas. A proposta da primeira aula foi a de favorecer a integração entre os participantes, introduzir a temática do esporte e do lazer, bem como trocar conhecimentos e construir possibilidades pedagógicas acerca dos esportes com bola na escola e aldeias/comunidades.

No período matutino ainda, desenvolvemos uma dinâmica de apresentação do grupo a qual nomeamos Teia (de barbante), que foi realizada na pracinha localizada no espaço externo da FEFD/UFG. Seu objetivo era que cada participante compartilhasse com os demais: nome, etnia, aldeia, estado, o que desejam como educadores e o que esperam do tema. Ao final da dinâmica, de forma reflexiva, foram atribuídos sentidos à teia formada, tais como a interdependência entre os seres humanos e a natureza, a diversidade, a cooperação e o diálogo, bem como a complexidade inerente à vida/existência.

Após a dinâmica da Teia, seguimos para a sala de aula e iniciamos um diálogo com os estudantes acerca da temática: O que é esporte? O que é lazer? O que se entende e se conhece por esporte e lazer? Como trabalhar os temas do esporte e do lazer nas escolas e comunidades? Quais temas? Quais dificuldades e potencialidades?

Simultaneamente ao diálogo, foi escrito no quadro uma lista dos elementos levantados e aspectos mais relevantes da discussão. Apareceram indicações e características de esporte não indígenas e esportes indígenas (contexto histórico, sentidos e significados para cada etnia, processos ritualísticos e relações com saúde, competição, brincadeira, entre outras).

No período vespertino, logo no início, realizamos uma dinâmica corporal conhecida como "joão bobo", na qual dividimos a turma em pequenos grupos, sendo

que 1 pessoa se coloca no centro de olhos fechados e, com o corpo enrijecido, se joga de um lado para o outro. Os demais componentes do grupo, de olhos abertos, agem como cuidadores da pessoa que se encontra no centro, amparando-a para que não caia. Há um revezamento entre as pessoas que vão para o centro da roda. O objetivo dessa dinâmica é descontrair os participantes, de maneira lúdica, ao mesmo tempo em que favorece a intimidade e trabalha a confiança entre os participantes.

Após a dinâmica do “joão bobo”, nos dirigimos para o ginásio poliesportivo da FEFD-UFG e iniciamos uma conversa sobre significados e usos da bola como objeto ancestral e contemporâneo, trazendo como exemplos o "Juego de la pelota" praticado pela civilização Maia e o uso da bola por diferentes povos amazônicos, além do uso da bola nos esportes modernos (futebol, voleibol, basquetebol, rugby, entre outros). Na conversa, abordamos também questões como a identificação de características principais de alguns esportes com bola, sua essência/intenção básica, movimentos, regras, participantes, materiais, contextos e espaços.

Na sequência da conversa, propusemos aos estudantes uma espécie de (re)conhecimento e exploração das bolas de vôlei, futebol, queimada, basquete, rugby e handebol (materiais que estavam disponíveis naquele momento). Fizemos uma breve vivência do “21” e do “garrafão” (jogos lúdicos e interativos que são realizados por meio da cesta e da bola de basquetebol). Depois das vivências com a bola de basquete, dividimos a turma em dois grupos simultâneos, que se revezavam, para realizar atividades com bola de futebol e de handebol. Com a bola de futebol, realizamos os seguintes jogos: "bobinho", "futebol de dupla" e "golzinho". Com a bola de handebol realizamos “troca de passes, "queimada" e um mini jogo de "handebol".

Ao final das atividades com bola, conversamos com os estudantes sobre possibilidades de ensino-aprendizagem de esportes com bola na escola e na aldeia/comunidade: "Esporte na e da escola" (VAGO, 1996). Também fizemos uma avaliação das atividades propostas e executadas junto com os estudantes, em roda, mediante o compartilhamento espontâneo e voluntário de 1 palavra que expressasse as sensações de cada participante. Entre elas, apareceram as seguintes expressões: superação, alegria, diversão, aprendizado, felicidade.

A aula realizada no dia 31/7/18, terça-feira, teve como objetivos aprofundar os conceitos de esporte e lazer, (re)conhecer elementos políticos, sociais e históricos do esporte (tradicional e moderno), além de trocar conhecimentos e construir possibilidades pedagógicas sobre práticas aquáticas na escola e aldeias/comunidades.



Para tanto, iniciamos o período da manhã com a música "Bola de Meia, Bola de Gude", de autoria de Fernando Brant, e que se popularizou na voz de Milton Nascimento e também na interpretação do grupo de *rock-and-roll* 14BIS, para criar um clima de acolhimento e descontração com a turma. Em seguida, fizemos um momento de experimentação corporal e alongamento utilizando bolas de Pilates, de forma a retomar a questão das possibilidades e usos de bolas em processos pedagógicos que tinha sido trabalhada no dia anterior.

Houve também uma breve roda de música e práticas livres e espontâneas para "acordar o corpo" a partir de movimentos e músicas propostos pelos professores e indígenas. Após, desenvolveu-se aula expositiva e diálogo sobre as dimensões políticas e sociohistóricas do esporte e do lazer.

Na segunda metade da manhã, a turma se dividiu em grupos, por etnia<sup>4</sup>, a fim de dialogar e escrever no papel pardo os esportes indígenas (se possível, na língua materna e em português) e não indígenas que conhecem. Os cartazes produzidos por cada grupo foram colocados em um "varal" onde puderam ser visualizados por todos. A visualização coletiva teve por objetivo proceder à identificação e análise sobre quais esportes não indígenas e indígenas mais apareceram, os por quês, e suas possibilidades de uso na escola como ferramenta didático-pedagógica e de vivência, socialização e constituição dos sujeitos.

Também houve apresentação e demonstração, por iniciativa de cada grupo/etnia de esportes indígenas, seguida de diálogo sobre aproximações e diferenças percebidas entre os esportes indígenas em seus diferentes contextos (jogo/brincadeira, conteúdo da escola, lazer, ritual, competição, técnicas corporais, entre outros). Foram apresentadas diferentes modalidades de lutas corporais, como algumas praticadas pelo povo Xavante e o *huka huka* praticado por alguns povos indígenas xinguanos, além de esportes com bola como o *ronkrân* (jogado com "borduna", espécie de bastão e coco, utilizado como bola, praticado pelos Kayapó, e o *jikunahati* (jogo realizado com bola feita da seiva da mangabeira e jogado apenas com a cabeça), tradicionalmente praticado por alguns povos que habitam a região do Mato Grosso, como os Pareci, Irantxe e Enawenê Nawê, entre outros.

---

<sup>4</sup> Essa organização foi sugerida pelos próprios indígenas na intenção de melhor considerar a diversidade cultural, as técnicas corporais, os sentidos e significados presentes nas práticas.

Além das lutas corporais e jogos com bola tradicionalmente praticados, foram reconhecidos como esportes tradicionais modalidades de arco e flecha, natação, canoagem, pesca, cabo de força, jogos com peteca (*peikrân*), corridas como a de tora de buriti tradicionalmente praticada pelos povos *akuén* (Xavante e Xerente), entre outros povos do tronco linguístico macro-jê.

Na parte da tarde, foram finalizadas as apresentações dos grupos/etnias e realizadas vivências em duas piscinas com a turma dividida pela metade para formar dois grupos simultâneos e que se revezariam nas atividades propostas. A professora Jaciara conduziu uma vivência de natação com metade da turma, enquanto o professor Filipe conduziu uma vivência de polo aquático e *biribol* com a outra metade. Além dessas vivências, após a professora Jaciara solicitar que os alunos compartilhassem alguma prática tradicional realizada na água no contexto das aldeias, estudantes Xavante demonstraram e contextualizaram brevemente o movimento de “bateção da água”, realizado durante o ritual de “furação da orelha”, que demarca a passagem dos homens para a vida adulta, e um estudante Krahô presente na turma explicou a “brincadeira da capivara e da onça”, espécie de pic-pega realizado dentro do rio. Todos deste grupo puderam vivenciar as práticas corporais propostas pela própria professora e pelos indígenas.

No dia 01/8/18, quarta-feira, a proposta da aula foi trocar conhecimentos e construir possibilidades pedagógicas sobre atletismo na escola e aldeias/comunidades, além de (re)conhecer e analisar os Jogos Indígenas<sup>5</sup> em suas múltiplas dimensões. Para tanto, no período matutino, realizou-se alongamento e vivência coletiva de dança indígena (a qual foi proposta pelos Xavante). Na sequência, houve diálogo sobre as relações entre a sobrevivência humana e os elementos do atletismo (instrumentos, saltos, arremessos, lançamentos, corridas, marcha). A turma vivenciou na *práxis* modalidades de corridas, lançamentos e arremessos na pista de atletismo que compõe o espaço físico da FEFD-UFG. Ainda na parte da manhã, realizamos um “banho sonoro”<sup>6</sup>, no qual todos ficaram deitados, de olhos fechados e escutaram diversos instrumentos musicais (sementes, pau-de-chuva, maracás, kalimba, violão), além das músicas “Terra, Planeta Água”<sup>7</sup> e “Indaiá”<sup>8</sup>. Em seguida ao banho sonoro, houve uma breve reflexão

---

<sup>5</sup> Evento esportivo e cultural, de âmbito nacional, que vem sendo realizado esporadicamente desde a década de 1990, reunindo diversos povos indígenas de várias regiões do país. Houve inclusive a realização dos jogos mundiais indígenas em Palmas - TO, no ano de 2015, reunindo povos indígenas de várias partes do mundo.

<sup>6</sup> Vivência sensorial de escuta de sons harmônicos entoados a partir da voz e de instrumentos diversos.

<sup>7</sup> Música de autoria do cantor e compositor Guilherme Arantes.

<sup>8</sup> Música de autoria de Filipe Vaz, um dos autores deste artigo.

sobre os sentidos e significados da água e dos rios para todos e, em especial, para os indígenas, bem como ameaças e estratégias de resistência coletiva, retomando a vivência com a água que tinha sido realizada na aula anterior.

No período vespertino, realizou-se um diálogo sobre esportes indígenas, sentidos, significados e técnicas corporais das práticas para cada etnia. Também foi apresentado o documentário "Jogos Indígenas"<sup>9</sup>, que ensejou rico debate em torno da importância das tradições, da cultura, do esporte e do lazer, entre outros aspectos. Alguns estudantes, inclusive, informaram que participaram de algumas edições dos jogos indígenas na condição tanto de atletas como de espectadores.

No dia 02/08/2018, quinta-feira, a proposta da aula foi de realizar estudo coletivo sobre educação indígena e suas relações com o esporte, além de solicitar aos estudantes que apresentassem a aldeia/comunidade e escola indígena de seu campo de atuação, e construíssem planejamento acerca de um esporte (indígena ou não indígena) para ser implementado naquele âmbito.

Na parte da manhã, foi feita leitura individual seguida de leitura coletiva (em voz alta) e discussão do texto "A milenar arte de educar dos povos indígenas", de autoria do autor indígena Daniel Munduruku. Na sequência, houve espaço e tempo para a organização dos grupos juntamente à explicação da atividade proposta, qual seja a de sintetizar e compartilhar, utilizando-se da escrita e/ou desenho em cartaz, com as seguintes informações:

1) Apresentar a aldeia/comunidade: etnia, localização, número de pessoas (crianças, jovens, adultos, idosos, homens, mulheres), descrição do espaço do território, celebrações importantes, principais dificuldades e potencialidades, outras informações que considerarem importantes;

2) Apresentar a escola: etapas e modalidades da Educação Básica atendidas, número de estudantes, de docentes e outros trabalhadores;

3) Com base nessas informações e nos critérios (justificativa) - inclusão, necessidade/interesse (ou a falta desses) dos estudantes, valorização da cultura, entre outros... - escolher 1 esporte (indígena e não indígena) a ser trabalhado na escola, aldeia.

---

<sup>9</sup> Documentário filmado em Cuiabá, sob direção de Thiago Frade e Alexandre Magno, durante os XII Jogos dos Povos Indígenas. O evento, que ocorreu em 2013, reuniu 1,6 mil representantes de 48 etnias brasileiras, além de representantes de outros 18 países. Alguns estudantes presentes na turma participaram desta edição como atletas. Fonte: <https://brasileirissimos.com.br/2015/10/documentario-brasileiro-jogos-indigenas-e-premiado-no-los-angeles-movie-awards>

4) Apresentar o objetivo principal do esporte (essência, lógica interna e suas relações com as características culturais); metodologia (como se joga); aspectos históricos e culturais; quem pode praticar.

Este foi um momento bastante rico de trocas interétnicas<sup>10</sup>, que despertou muita curiosidade e diálogos, e se caracterizou como a culminância de todo o trabalho realizado durante o tema "Esporte e Lazer". Abaixo imagens dos trabalhos produzidos e apresentados pelos estudantes, por etnia, na atividade intitulada "Aldeia/comunidade, escola e esporte: Memória, Presente e Futuro".

### Etnia Xerente



Universidade de F  
 Fica  
 Disciplina: Educação Física  
 A aldeia comunidade Xerente, é localizada no Estado do Tocantins. No Município de Tocantins. Aproximadamente hoje o povo Xerente 4.000 pessoas.  
 - O Colégio Cemix - fica no Centro da reserva indígena - Xerente. Que conta de todas as aldeias. Aproximadamente 80 aldeias em torno de 350 alunos.  
 - Espaço Livros: Quadra de esporte, casa redonda, e outros.  
 - Acontece momentos culturais como: Dança, Cantos, Corridos de torcida, Corridos de flecha e outros.

Esporte  
 Corridos Tocantins  
 Porque é simples  
 bem praticado por  
 jovens e adultos.  
 Objetivos!  
 O nosso objetivo é  
 que o nosso aluno  
 possa conhecer e  
 praticar o esporte  
 que inclui todas  
 as comunidades Xerente  
 e muito mais. Valorizar  
 o nosso esporte.  
 Grupo Xerente  
 Nelson  
 Jailson  
 Edmar  
 Vanderlei  
 Luiz Fernando

<sup>10</sup> Os estudantes da etnia Xavante não participaram no último dia, pois um parente veio a falecer na aldeia e, por isso, ficaram em luto. Outra observação refere-se a junção de estudantes (por sugestão deles) quando só havia 1 representante por etnia, foi o caso das etnias Karajá, Krahô, Gavião, Kayapó que escolheram tratar do Arco e Flecha, esporte praticado nas diferentes etnias, e ressaltaram as peculiaridades dos materiais utilizados e usos.

## Etnia Guajajara



Memória Presente Futuro  
 - Aldeia: Guajajara, Terra Indígena Ananilobá-Ma, Aldeia Zetua, 300 famílias. No total estima 760 pessoas, espaços: casa de reuniões, casa de artesãos, casa da cultura, escola, Festa Moqueada da Merina mesa, Festa do mel etc.

• Escola: educação infantil, fundamental e Ensino médio, alunos no total 412, 23 indígenas Professores e 1 não-indígena.  
 04 Trabalhadores Voluntários merendeiras e zeladores e 02 Religiosos Voluntários

Componentes: Layde, Moises, Maria Lidia, Inara, Marta, Domingos, Pedro.

GUAJAJARA

Arco e Flecha  
 U'YW MOMOR HAW.

Objetivos

- + Pontos = 10
- Pontos = 5
- + Pontos = 10

• Ter um bom flechador  
 • Ter um a Constantemente perto da mesa

Metodologia

- Fôr equipe ou individual
- Participe homem, mulher e criança acima de 8 anos
- Cada equipe jogará vez, aquele que se aproximar mais do ponto vencedor o jogo

- História e Significância do

- A partir do Mair
- Bom caçador.

- Espaço e Materiais

- pátio da Aldeia, campo de futebol.
- \* Arco e flecha com ponto
- \* tronco de bananeira, tábuas
- \* balde velho, papelão, etc.
- \* Animais como: galinha, pato, etc.

**Etnias: KuiKuro e Yawalapiti**



ALDEIA IPATSE KUIKURO LOCALIZADO NO TERRITÓRIO INDÍGENA DO XINGU, COM APROXIMADAMENTE 1.133 PESSOAS INCLUINDO CRIANÇAS, JOVENS, ADULTOS ANCIÃOS (MULHERES E HOMENS)

ESPAÇO ESPECÍFICO:  
CENTRO DA ALDEIA  
CASA DOS HOMENS

CARACTERÍSTICA CULTURAIS:  
PINTURAS, DANÇA, CANTO, ARTESANATO

ESCOLA:  
ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA CENTRAL KARIB  
NÚMERO: 200 ESTUDANTES

ETAPA:  
1º CICLO 4ª FASE A 3ª CICLO 3ª FASE  
ENSINO FUNDAMENTAL, ENSINO MÉDIO  
ESA

PROFESSORES:  
20 DOCENTES E 3 TRABALHADORES

ESPORTE  
IKIDENE HUKA-HUKA  
OBJETIVO:  
PARA SER A PESSOA RESPEITADO  
LUTADOR, LIDERANÇA

METODOLOGIA:  
INCENTIVA OS JOVENS PARA PENSAR  
NO FUTURO DELES,  
CONSELHAR OS PAZES PARA SER  
LUTADOR, PARA SER PESSOA RESPEITADA  
PARA NÃO NAMORAR CEDO, PARA NÃO PENSAR  
NAS MULHERES  
DAI E A FAMILIAS ORIENTAM PARA  
OS JOVENS SE PREPARAR, ARRANHAR,  
TOMAR CHÁ DE EVAS...

ESPAÇO:  
CENTRO DA ALDEIA, PRÁTICA  
PREPARAÇÃO DENTRO DA CASA

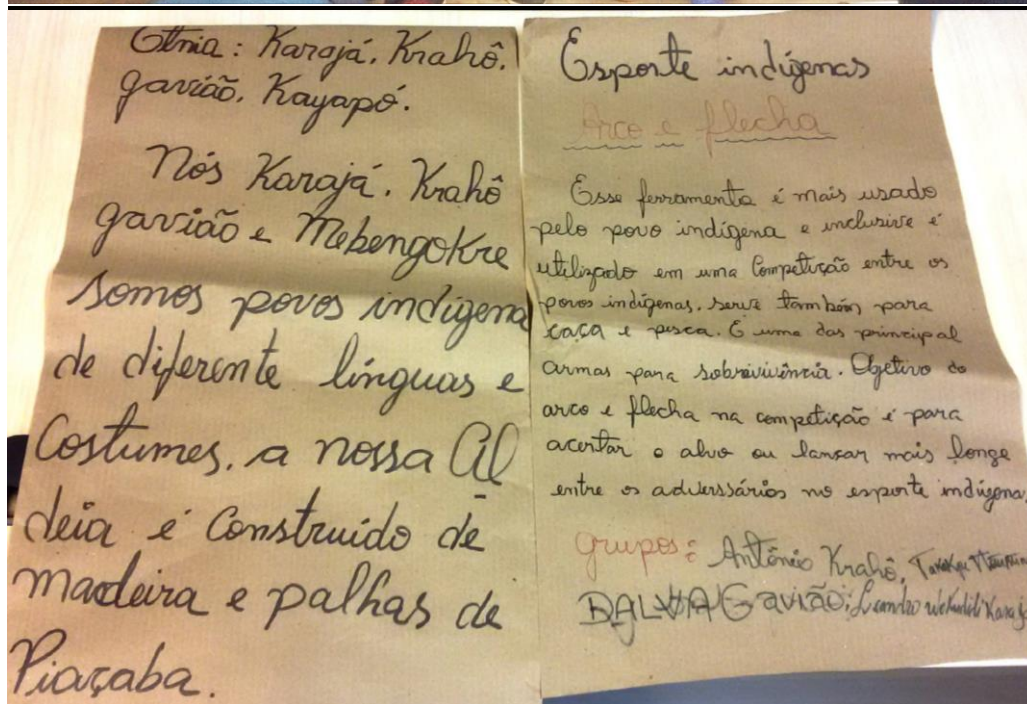
MATERIAL:  
ARRANHADEIRA, ADRNO, ALGODÃO  
TERCIDO TRADICIONAL, URUCUM,  
ÓLEO DE PEQUI E CARVÃO.

GRUPO:  
MUNURI  
HITSI  
KUIAWA IVAN  
KUIKURO

**Etnia: Bororo**



## Etnias: Karajá, Krahô, Gavião, Kayapó



Após as apresentações, houve um momento para os agradecimentos e encerramento do tema contextual, que se iniciou com a fala dos professores e execução da música "Uma estrada para o Cerrado"<sup>11</sup>, e foi seguida pela fala livre e espontânea dos estudantes que participaram do tema contextual "Esporte e Lazer", da Licenciatura Intercultural da UFG no ano de 2018. A avaliação do tema foi realizada durante todos os dias de aula e em virtude do tempo e das intensas atividades não foi possível um tempo ao final de todo o processo para realização de uma conversa específica de avaliação da proposta, mas os retornos recebidos por meio do diálogo e percebido no profundo envolvimento dos estudantes ao longo dos dias nos pareceu bastante positivo.

<sup>11</sup> Música de autoria de Filipe Vaz, um dos autores deste artigo.

## Considerações Finais

Ao avaliarmos a materialização da proposta, destacamos: a riqueza das trocas interétnicas e interculturais entre os estudantes e professores em torno dos temas; a centralidade das manifestações esportivas e outras práticas corporais no processo de educação indígena, construção de suas identidades como sujeito e povo; as relações do esporte com a vida cotidiana, celebrações, competições e rituais; as possibilidades de trabalho pedagógico nas escolas e aldeias; e, por fim, o profundo aprendizado como professores resultante da relação dialógica com os discentes.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Arthur; SUASSUNA, Dulce. Esporte e cultura: análise acerca da esportivização de práticas corporais nos Jogos Indígenas. *Pensar a Prática, Goiânia*, v. 13, n. 1, p. 118, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/pef/article/view/8946>

BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Vitória: Ed. UFES, 1997.

BRANDÃO, Carlos. *A canção das sete cores: educando para a paz*. São Paulo: contexto, 2005.

CANDAU, Vera Maria. Cotidiano escolar e práticas interculturais. *Cadernos de Pesquisa* v.46 n.161 p.802-820 jul./set. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-5742016000300802&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-5742016000300802&script=sci_abstract&tlng=pt)

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para pedagogia histórica-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GRANDO, Beleni. Jogo entre “parentes”, os processos de educação do corpo, esporte e Lazer indígena no Brasil: reflexões a partir dos jogos dos povos indígenas. *REVISTA PEDAGÓGICA* / V.17, N.34, JAN/ABR. 2015. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/2917>



LIND/PPP. Projeto Político-Pedagógico Educação Intercultural. UFG, 2006.

MUNDURUKU, Daniel. A milenar arte de educar dos povos indígenas. Texto publicado em 15/5/2009. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/a-milenar-arte-de-educar-dos-povos-indigenas>

QUEIROZ, João; SILVA, Lourdes. Formação em alternância e desenvolvimento rural no Brasil: as contribuições das escolas famílias agrícolas. *Actas do III Congresso de Estudos Rurais (III CER), Faro, Universidade do Algarve, 1-3 Nov. 2007 - SPER / UAlg, 2008, CD-ROM.*

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica:** primeiras aproximações. 8ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2003.

VAGO, Tarcísio Mauro. O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente - Um diálogo com Valter Bracht. *Movimento - Ano III - Nº 5 - 1996/2.*